

Mais escolarizados têm queda maior de renda na década

Mais escolarizados caem na informalidade e veem renda desabar

Em 10 anos, quem estudou mais perdeu até 16,7% nos rendimentos; vantagem de maior formação também caiu

Fernando Canzian

Os últimos dez anos foram trágicos em termos de renda e qualidade de empregos para os brasileiros que se esmeraram para estudar mais, terminar o ensino médio ou ingressar na faculdade. No conjunto dos trabalhadores, foram os que mais perderam. Jovens adultos que estudaram de 1 a 16 anos (ou mais) tiveram perda de renda mais acentuada que os menos escolarizados. Hoje, há ainda a ruptura do vínculo da informalidade entre eles, que atingiu também pessoas que estudaram de 1 a 11 anos.

A conclusão é de pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) com base em dados do IBGE, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Os resultados revelam uma economia que cria precariamente empregos de baixa qualidade e pouco produtivos.

Isso empurra os mais escolarizados para vagas que pagam menos e que são, cada vez mais, informais — comprometendo o crescimento potencial do país. No geral, dispencou também a vantagem, em termos de rendimentos do trabalho, de quem estudou mais de 16 anos em relação aos brasileiros que possuíam menos de um ano na escola.

Em 2012, o retorno positivo da educação na renda nessa comparação chegava a 64%. No segundo trimestre deste ano, o prêmio era de apenas 12%. Entre aqueles tinham de 12 a 15 anos de estudo (comparados aos com menos de um ano), o percentual caiu de 126% para 12%.

Nos meses de anos (2012-2023), o rendimento médio dos que estudaram entre 12 e 15 anos recuou 11,2%. Para aqueles que estudaram 16 anos ou mais, o mesmo foi ainda maior: -16,7%.

"O ensino superior está dando menos retorno no Brasil: uma novidade muito ruim. É um claro indicador de uma economia pouco dinâmica, com empresas pouco ágeis, e com outras mais produtivas que não crescem", afirma Fernando Veloso, um dos autores do trabalho.

"Com essas empresas não evoluem por todas as mazelas que conhecemos — sistema tributário, infraestrutura, economia fechada — o pessoal chega ao ensino superior, mas ou não tem trabalho ou o salário que esperava".

Além do ambiente de negócios em geral ruim, os pesquisadores afirmam que o desequilíbrio nas contas públicas e um dos principais fatores a empurrar os mais escolarizados para empregos de baixa qualidade.

Nos últimos oito anos, a relação entre a dívida bruta do país e o PIB (principal indicador de solvência) saltou 17 pontos percentuais, para 74,8%. Deficitária, o governo federal precisa pagar juros altos para se financiar, levando empresas e consumidores a se retrair.

Há poucos dias, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou que incentivar o crescimento do governo com a consolidação fiscal elevaram o juro de equilíbrio (capaz de manter os preços estáveis) de 7% para 13,75% ao ano — o que de-

sestimula investimentos produtivos. No início da década passada, a taxa de investimentos como proporção do PIB era de 19,3%. Hoje, é de 17,2%.

"É aquela história do engenheiro formado dirigindo Uber. Porque gerar um emprego para um engenheiro quer investimentos de muitos milhares de reais. O cara dirigindo Uber custa R\$ 2.000 por mês na Localiza (onde aluga o veículo). Assim, ele precisa ter renda, o que é sinal de falha de dinamismo da economia", diz Fernando de Holanda Barbosa, outro dos autores.

É o caso do paulista Fernando Siqueira, 39, formado em curso superior de gestão da tecnologia da informação. Após se graduar em 2009, passou a trabalhar formalizado em uma empresa na área que pagava R\$ 2.000 ao mês. Depois, foi para uma terceirizada, recebendo R\$ 3.400.

Por fim, resolveu neste ano abandonar o setor e migrar para a Uber, ganhando R\$ 6.000 líquidos ao mês (com um dia de folga na semana e um domingo a cada dois fins de semana). "Tubo outros amigos com ensino superior nessa mesma situação", afirma Siqueira e exerce. Apesar de ter caído na informalidade, conseguiu aumentar seus rendimentos nos últimos dez anos.

Na média, segundo o Ibre-FGV, a renda dos trabalhadores (formais e informais) com 16 anos ou mais de estudo caiu, entre 2012 e 2023, de R\$ 7.211 para R\$ 6.008, em valores corrigidos pela inflação. Nesta mesma faixa superior de instrução, a informalidade dobrou entre 2012 e 2023 (fôlego da crise gerada ao fim do governo Dilma Rousseff) e chegou a 1,9 milhão de trabalhadores para 1,1 milhões.

Os informais em relação ao total de ocupados com este nível de escolaridade aumentaram de 14% para 19,5% (+5,5 pontos percentuais). Para aqueles com 12 a 15 anos de estudo, o rendimento médio (formal e informal) também caiu de 2023 a 2012, de R\$ 2.336 para R\$ 2.136. O total de informais nesta faixa subiu de 10 milhões para 14,9 milhões. Entre eles, a taxa de informalidade saltou 6,6 pontos, de 27% para 33,6%.

De 2012 a 2023, a renda do trabalho só aumentou para menos escolarizados. Entre os que não chegaram a completar um ano de estudo, os rendimentos subiram 27,5%. Para eles, houve leve queda na taxa de informalidade, de 76,4% para 73,5%.

Amor parte do ganho deste segmento, no entanto, ocorre a partir do começo de 2022, com a chegada da pandemia. Uma das explicações é que, como isolamento social, houve valorização da mão de obra menos qualificada disposta a trabalhar naquele período.

Um atenuante nessas conclusões, segundo a equipe de pesquisadores (que inclui Juliana Feijó e Paulo Peruchetti) é que a proporção da população ocupada com mais de 1 ano de estudo possui de 49,8% para 66,5% de 2012 a 2023, tornando-se menos excessiva. Isso aumentaria a concorrência entre os mais escolarizados, diminuindo salários.

"Mas, mesmo com aumento da oferta (de pessoas mais educadas), o retorno da educação no mercado de trabalho não deveria estar caindo nessa magnitude", diz Veloso.

Na quinta (10), o IBGE anunciou que a taxa média de desemprego no trimestre encerrado em julho vedou para 7,9%, a menor desde o trimestre equivalente em 2014 (5%). Na sexta (11), após resultado do PIB do segundo trimestre acima do esperado (+0,9% ante o trimestre anterior), os salários passaram a estimar o crescimento neste ano em 2%, com mais empregos.

"As pessoas olham o mercado de trabalho e acham que está bombardeado. Mas ainda não atingimos os rendimentos do pré-pandemia", afirma Veloso.

"Estamos gerando empregos ruins, que pagam pouco. Agora, essa novidade. Ela pega os com maior escolaridade, justamente os que pareciam mais protegidos", diz ele.

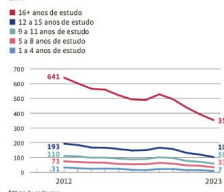
Temos gerando empregos ruins, que pagam pouco. Agora, essa novidade. Ela pega os com maior escolaridade, justamente os que pareciam mais protegidos", diz ele.

Temos gerando empregos ruins, que pagam pouco. Agora, essa novidade. Ela pega os com maior escolaridade, justamente os que pareciam mais protegidos", diz ele.

Temos gerando empregos ruins, que pagam pouco. Agora, essa novidade. Ela pega os com maior escolaridade, justamente os que pareciam mais protegidos", diz ele.

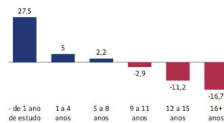
Cai prêmio salarial de quem tem mais anos de estudo

Quanto cada grupo ganha a mais em salário hora em relação a quem tem menos de um ano de estudo em %



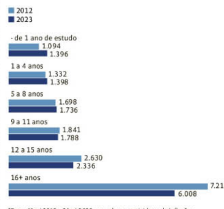
Quem estudou mais, perdeu mais

Variação dos rendimentos do trabalho entre 2012 e 2023, em %



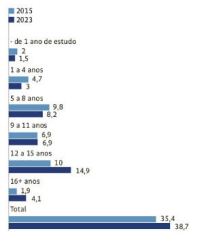
Rendimento médio real

em R\$ (mil reais corrigidos)



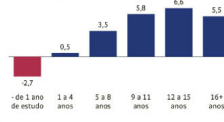
Informalidade cresce mais entre quem estudou mais

Em milhões de trabalhadores informais



Variação da taxa de informalidade por grupo educacional

entre 2012 e 2023, em pontos percentuais



\*Informalidade: trabalhador privado sem carteira, doméstico sem carteira, conta própria sem CNPJ, empregador sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar. Tipo de informalidade: total entre os informais e a população ocupada. Fonte: Ibre-FGV (dados de 10), Fernando Veloso, Fernando de Holanda Barbosa Filho e Paulo Peruchetti com dados do Pnad Contínua (IBGE).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Página: 10